

# O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E SOCIOLOGICO

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO—23 DE NOVEMBRO DE 1862.

N. 29

## O PACAJÁ.

Recebemos o « Mosaico » de *Pelotas* novo jornal litterario, scientifico e recreativo com que nos memosou sua illustre redacção.

Nada podemos avançar sobre seus bens elaborados artigos por que mal podemos devasal-os na alta esfera em que percorre a distinta redacção.

Limitamo-nos tão somente em testemunhar-lhe gratidão pela offerta com que nos memosou e a desejar-lhe propicia carreira na espíndosa lida que se lhe offerece.

Asseguramo-nos ao novo *Athleta*, nossa paternal sympathia e com o riso nos labios e sincera amizade no coração o *Pacajá* sauda ao illustre confratão.

## Dois genios e um só destino.

(ALVARES DE AZEVEDO E CASIMIRO DE ABREU.)

### I.

O viajor que contempla a queda dos imperios tendo diante de seus olhos as ruinas dessas mesmas nacionalidades, não pode entristecer-se mais do que o espirito humano folheando as paginas de livros que são outros tantos legados que deixão á posteridade, vultos cujos nomes são immortaes padrões de gloria.

O Brasil, paiz novo e cujos passos na carreira das letras são ainda muito lentos, já tem com tudo visto perecer muitos fillos illustres, uns chorando no exilio a familia de que para sempre se achavão separados, outros exhalando no seio della seus ultimos suspiros tornando talvez mais acerba a sua dor, e outros que se não morrem phisicamente perdem a existencia moral descrendo de uma sociedade que caminha cegamente para o abysmo das ambições e interesses. D'entre esses vultos envolvidos hoje nas lages do sepulchro, dois ha que desejamos ainda que momentaneamente filarem suas frentes angustas, nossos olhos tímidos e escurecidos pela descrença. São elles, Alvares de Azevedo e Casimiro de Abreu.

### II.

O primeiro, e o cysne da poesia *lyrica* personificada n'um homem fraco e em cujo peito a paixão devorava uma alma pura. Amou no idealismo, o que na realidade não achou quem lhe recompensasse. O entusiasmo de sua intelligencia subia ao palacio para descer a taverna mais insignificante. Percorreu todo o mundo feminino, e não encontrou um só peito que entendesse o seu; era que elle não nascêra para a terra! Só encontrou beijos vendidos da messalina das ruas, ou peitos frios de mulheres que não o comprehendião. Então foi poeta; escreveu, e escreveu em dois volumes, o que muitos talentos não escreverião em vinte. Cantou essa *Noite na Taverna*, tão cheia de poesia, e onde o espirito do leitor recua de horror em cada pagina que lê. Seu espirito percorria o mundo inteiro; via as mulheres mais bellas da Italia em torno de si, enquanto sua penna percorria com velocidade o papel, onde escrevia não tudo, porém parte de seus sublimes pensamentos.

Leu muito, e quando em Byron apreciava e sa melancolia e descrença do cantor do *Child-Harold*, elle regoijava-se de achar um peito igual ao seu.

Depois desta luta entre a paixão e o indifferentismo que encontrava, descreu, e a dor desta terrivel molestia em breve o sepultou nas frias lages do tumulo onde repousa tranquillo das lides da vida humana. Repousa oh! poeta, que foi longo o teu soffrer sobre a terra!

### III.

Azore, uma vista d'olhos sobre o cantor das *Primaveras*. Cheio de crença e possuidor de um verdadeiro talento. Casimiro de Abreu foi um destes genios que parecem ter nascido poetas. Espirito de melancolica tristeza, porém forte e altivo, elle conservou-se puro até o instante de fechar os olhos. Nunca penetrou nesses lodogoes que pervertem á mocidade, e sua alma virgem, só tinha santas ambições.

Apassionado e cheio de fé, julgou sempre que o mundo o comprehendera e nunca o beijo

ramando do scepto e smolhe manchou a fronte. Entretanto, elle soffia e muito, e quem quizer certificar-se leia o seu *Livro Negro* que faz parte de suas bellas *Premicias*, e ali verao os suspiros tristes e melancolicos do poeta sertanejo. Entretanto a descaroada e negra mao da morte, ciftou para sempre de nas esse genio, cuja morte tantas lagrimas arrancou aquelles que o conhecerao! E porque meu Deus, nao houvera uma lei da natureza que immortalize a existencia na terra d'esses genios e o deities? Necessariamente porque a terra nao os merece, e elles vao no se o do Senhor froir uma existencia a que tem jus!

IV.

E eis ali dois filhos illustres que o Brasil hoje chora, e cujos corpos emnegrecidos pelo po da tumba, apenas se reconhecerem com a cada-veres! E eis dois vultos que se somem do campo da intelligencia, porque a mao da morte esgotou o sangue do enthusiasmo que lhes circundava nas veias, porque absorveo as lavas da intelligencia que seus crancos expandiao, porque apertou seus peitos dehis com seus braeos de ferro e no augo de seu furor arranco a vida de dous genios illustres, riscando seus nomes immortaes da lista dos viventes!...

W

## PORQUE TÃO TRISTE.

Porque tão triste oh! mancebo, te vejo procurar os sitios ermos, os bosques de densas folhagens?...

Porque tão triste te vais sentar á borda do regato que alli serpêa e cujo murmúrio suave parece fallar-te com a alma?...

Porque tão triste contemp'tas os mil peixinho dourados, que brincando com as aguilas e dando mil voltas, se occullão a teus olhos?...

Porque tão triste esentas o mavioso sabiã, que pulando de ramo em ramo entõa seu canto sonóro?...

Porque tão triste suspiras quando vês a innocente rolinha acariciar seu fiel companheiro?...

Porque tão triste observas o bello panorama que ante ti se desdobra, quando sobes á montanha?...

Porque tão triste ficas quando a ingenua creancinha entre-abrindo seus delgados labios de coral te sorri?...

Porque tão triste te pões a seismar ao clarão pallido e frouxo da lua, quando ale a propria natureza parece que dorme?!

Acaso perdeste os ternos carinhos de uma mãi extremosa? ou então os affectos sinceros de uma irmã querida te forão roubados? Ou a descrença, esse veneno subtil e sempre fatal, innocular se-hia em teu coração ainda tão jovem?!

-- Não! teu soff'er é outro. -- Tu amas, e receias ser repellido por--Ella.--

Não desamies mancebo e... espera!...

Emilia B.

## Varietade.

SYCOPHANTA.

A figueira era estimada entre os antigos: os Gregos e Romanos lhe prestavam uma especie de culto. As coroas de suas deusas e as que traziam nas festas publicas eram feitas com ramos e folhas de figueiras. Os Gregos fizeram leis que puniam com a morte aquelles que transportassem figueiras do Attico ou que tocassem nos figos consagrados ás divindades. Elles tambem prometteram recompensas aos que denunciassem os culpados, e como, apezar do attractivo da fructo prohibida, ninguem tinha tentado de comer figos tão cáros, houve scleratos que, para receberem a somma promettida, roubassem os fructos, e accusassem desse sacrilegio os homens que elles queriam perder. Esses impostores foram denominado sycophantas (denunciadores de figos).

Foi por este modo que o figo inoffensivo entrou em uma palavra, que teve depois applicação, de uma maneira geral, aos calumniadores, aos impostores e hypocritas.

TOAST.

De todas as palavras que se tem tomado emprestadas aos Ingleses, *toast* é talvez a mais espalhada. A palavra *toast* significa *fatia de pão torrado*. Outr'ora, para be-

# O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO RECREATIVO E SOCIAESCO

REDACTOR -- JUVITA DUARTE SILVA.

ANNOL

DOMINGO-13 DE DEZEMBRO DE 1862.

N. 32.

## PAGINAS PERDIDAS.

ESBOÇOS

Por JUVITA

II

GENARO.

Um dia o sol no horizonte surgira brilhante e sublime, e do firmamento a luz tombava sobre a terra, e a que tinha se rubeo turbasse seu brilho sempre attractivo.

Uma brisa morna corria de Norte á Sul, e a suave harmonia dos cantos dos passarinhos enluta os ares em seus doces trinadoes, e com aquella melancholia que lhes he natural.

Era um dia alegre e melancolico, se he que a melancholia não he a poesia das almas puras, e que pausa sobre ellas em seus momentos de ventura.

Sobre o cume de uma pequena montanha uma charara de aspecto de-lumbrante se fazia ver, em suas campinas cheias de flores, e com suas veigas risonhas que eram entrecortadas por cristalinos riachos.

N'esta habitação, onde desde longo tempo a felicidade se fazia sentir, no mais obscuro de seus recantos, e na mais infima personagem que a habitava, reinava uma actividade exemplar, a par da alegre a que se expandia em torrentes por todas as frentes.

Era um dia de casamento. O pae de familia, velho de sessenta annos, cujas cansado se embranquecerão na pratica da virtude, repousava sobre uma cadeira de espaldar.

Em sua fronte veneranda onde então as primaveras da mocidade bofejarão sem lhe imprimir o halito impuro do vicio e da corrupção, lia-se uma alegria intima pela união de seu filho primogenito.

A sua mente, porem, foi plena de contempimentos sobre a vida humana, mil pensamentos lhe assalarão, alguns dos quaes fizeram empallidecer seu semblante já desbotado um pouco pelo decorrer dos annos.

Os outros personagens, porem, brincavão, e quanto o velho meditava sobre os dias do porvir, que seriam a coroa de felicidade do

mais velho de seus filhos.

A um bello dia e de claridade não turvada pelas nuvens opacas que ás vezes a escurecem, succedeo uma tarde poetica e ariosa.

Os passarinhos no jardim não cantavão ao crepusculo da manhã, mas dizião o ultimo adeos ao dia que lentamente se findava.

Accendem-se as velas do altar dentro de uma sala, e os convidados já se agrupão por todos os lados.

O sacerdote, de fronte curvada pelo peso dos annos, entra, e com elle o sacramento da igreja christã.

Tudo é movimento, e em todos a alegria se torna e o silencio solenne ainda.

Uma donzella com um veo branco tombado pel' scharneas costas, entra na sala pallida e tremula.

No mesmo instante, apparece n'essa sala, um moço vestido de preto, e em cujo phisionomia se espraivão ondas de felicidade, que fortalecia a crene de sua alma juvenil.

Ambo se ajoelhão ante o sacerdote de Christo e a cerimonia começa com solemnidade.

No momento em que o ministro do altar perguntava a virgem-noiva, se jurava fidelidade eterna áquelle que seria seu esposo d'aquelle dia em diante, e que ella tremula toda, respondia com um *são*, a casto emanação do imo d'alma, o velho que de joelhos um pouco áquem assistia a este acto de religião, tremeo mau grado seo.

No lugar onde todos tinham os olhos ante d'is seres que se união, e o pensamento em futuro de rosas, o tremor do velho pae não foi percebido, e se o fosse, não o julgariao filho senão de sua idade avançada, e debilidade do seu corpo.

Não! o velho tremia, porque uma voz intima lhe fallava no coração, e lhe fazia ler no futuro que ante sua imaginação se mostrava.

A cerimonia concluiu-se.

Os noivos se erguerão sorrindo, e mil be-